


Práticas de ensino em Biologia, História, e Geografia, a partir das plantas ritualísticas e medicinais utilizadas em terreiro de Umbanda do Sudeste do Brasil

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.009-016>

Romulo Wagner Oliveira de Souza

Professor Licenciado. Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do CEUNES-UFES. Núcleo de Pesquisas e Práticas Pedagógicas em Ensino de Biologia e Educação Ambiental (NPPBio).

Erica Duarte-Silva

Doutora em Ciências: Botânica pela UFRGS. Professora Doutora do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do CEUNES-UFES. Departamento de Ciências Agrárias e Biológicas (DCAB). Núcleo de Pesquisas e Práticas Pedagógicas em Ensino de Biologia e Educação Ambiental (NPPBio).
E-mail: profaericaduartesilva@gmail.com

RESUMO

O ponto de partida da presente pesquisa é conhecer as plantas medicinais e ritualísticas do terreiro de umbanda de São Mateus-ES. Como trata-se de uma pesquisa antropológica, tem-se esse ponto de partida mas não se pode prever o ponto de chegada. A Umbanda é uma religião afroamericana, e afrobrasileira, marginalizada, que sofreu um processo de cristianização quando seus povos praticantes chegaram no solo brasileiro. Baseado nisso, trata-se de uma prática cultural “de fora” do saber científico ocidental cristão, e trata-se também de uma realidade marginalizada. Como objetivos específicos têm-se: (1) Realizar levantamento das espécies vegetais no terreiro de Umbanda; (2) Realizar levantamento de espécies vegetais de caráter ritualístico; (3) Construir uma coleção testemunho das plantas úteis da Umbanda, utilizadas em São Mateus, por meio de exicatas, ervas secas e coleção viva em vasos; (4) Investigar o nome biológico a partir do nome vulgar coletado, e origem da planta; (5) Elaborar práticas de ensino interdisciplinares de História, Geografia e Biologia a partir dos saberes coletados; (6) Entrevistar líderes religiosos de terreiro de Umbanda para conhecer as plantas utilizadas, nome vulgar, parte da planta usada e modo de uso. Como percursos metodológicos utilizaremos a etnografia da prática escolar ou antropologia de não-antropólogos com fins educacionais; a observação participante de Malinowski; entrevistas não-estruturadas de Geertz; relatórios etnográficos e análise de conteúdo. Para o trabalho etnobotânico será utilizado a metodologia de Hanazaki. Para a confecção das práticas de ensino, o trabalho será alicerçado em Freire, Romão e Duarte-Silva.

Palavras-chave: Cultura afrobrasileira, Populações afrodescendentes, Africanidades, Relações etnicorraciais afrobrasileiras, Etnobotânica.

1 INTRODUÇÃO

O ponto de partida da presente pesquisa é conhecer as plantas medicinais e ritualísticas utilizadas em terreiro de umbanda de São Mateus ES. Como trata-se de uma pesquisa antropológica, tem-se esse ponto de partida mas não se pode prever o ponto de chegada.

Para Roué (1997) as “etnociências” são o campo de estudo ligado às ciências naturais acrescidos do prefixo *etno*: etnoecologia, etnobiologia, etnobotânica, etnozootologia, etnofarmacologia etc. As etnociências abrangem as áreas de pesquisa que se propõem a estudar as categorias semânticas de “fora” do saber científico ocidental (ROUÉ, 1997 apud ROZÁRIO, 2018). O presente trabalho propõe-se a documentar o saber, que admitimos aqui como científico, de um Terreiro de Umbanda. Portanto, um saber “de fora” do saber científico ocidental pautado pela tradição religiosa judaico-cristã, academia científica e cultura ocidental como um todo. O saber científico positivista atende ao método científico cartesiano de pesquisa, diferentemente da pesquisa aqui apresentada que está referenciada nos métodos das Ciências Humanas e da Etnografia da prática escolar ou etnografia realizada por professores não-antropólogos. O método da Etnografia da prática escolar é constituído de revisão bibliográfica, análise documental e trabalho de campo (ANDRÉ, 2020).

Por isso nos perguntamos se o fazer etnográfico é um fazer científico? Foucault. (2008) afirma que o antropólogo contemporâneo não é um cientista mas um jornalista de realidades marginalizadas. Bawman (2001), sociólogo contemporâneo vai além; segundo ele, com a sociedade da informação, todo e qualquer cidadão torna-se jornalista a partir da câmera na mão e a publicitação na rede mundial de computadores dos fenômenos sociais observados, bem como sua opinião acerca deles.

A Umbanda é uma religião afroamericana, e afrobrasileira, marginalizada, que sofreu um processo de cristianização quando seus povos praticantes chegaram no solo brasileiro. Baseado nisso, trata-se de uma prática cultural “de fora” do saber científico ocidental e trata-se também de uma realidade marginalizada. Algumas das importâncias de se documentar uma realidade marginalizada é dar voz a essa cultura, outra é trazer a cultura para mais perto dos seus descendentes não-praticantes, e por fim, combater o racismo e o preconceito. Incluso outras questões como a xenofobia, a intolerância religiosa, em um país sincrético, porém muito cristão e conservador.

Em um segundo momento, a documentação da realidade dos terreiros de Umbanda também fornecem dados científicos muito relevantes sobre os saberes acerca das plantas ritualística e medicinais importantes a etnofarmacologia.

2 OBJETIVOS

(1) Conhecer as plantas medicinais e ritualísticas do terreiro de umbanda da Pedra D’agua com finalidade pedagógica. (2) Realizar levantamento das espécies vegetais utilizadas em terreiro de Umbanda. (3) Realizar levantamento de espécies vegetais de caráter ritualístico. (4) Construir uma



coleção testemunho das plantas úteis do terreiro de Umbanda por meio de exicatas, ervas secas e coleção viva em vasos. (5) Investigar o nome biológico a partir do nome vulgar coletado e origem da planta. (6) Elaborar práticas de ensinos interdisciplinares de História, Geografia e Biologia a partir dos saberes coletados. (7) Entrevistar líderes religiosos do terreiro de Umbanda para conhecer as plantas utilizadas, nome vulgar, parte da planta usada e modo de uso.

3 JUSTIFICATIVA

Combate ao racismo, conhecimento do uso fitoterápicos, aproximação da ciência das comunidades tradicionais afro-brasileiras de São Mateus com a Academia Científica da UFES, promovendo um dialogo intercultural.

4 MATERIAL E MÉTODOS

4.1 PERCURSOS METODOLÓGICOS DO TRABALHO DO TIPO ETNOGRÁFICO

A partir da década de 1980, tornou-se mais praticável e menos criticado o método da *observação participante*, ou seja, o não distanciamento do pesquisador e dos pesquisados na prática etnológica (TADDEI e GAMBOGGI, 2011). Do mesmo modo, nesta mesma época, *o resgate da história oral de vida* dos pesquisados ganhou força na Historiografia, além dos tradicionais documentos (SILVA, 2004). Baseado nisso, tornou-se possível chamar de pesquisa etnológica um trabalho que consiste na vivência e *imersão etnológica* profunda do pesquisador no grupo pesquisado e trabalhos de *autoetnografias* (ROZÁRIO et al. 2018; DUARTE-SILVA, CONCEIÇÃO e SALES 2019; CONCEIÇÃO, ALMEIDA e DUARTE-SILVA, 2020) quando essas etnografias documentam realidades veladas ou marginalizadas.

A partir da imersão etnológica e observação participante (TADDEI e GAMBOGGI, 2011), serão realizadas entrevistas não-estruturadas de acordo com as estruturas de Geertz, ou diálogos com roteiros (DUARTE-SILVA, CONCEIÇÃO e SALES 2019). Essas entrevistas não gravadas para não inibir o entrevistado vão gerar relatórios etnográficos que são descrições densas das realidades e diálogos vividos que serão descritos nos resultados do presente trabalho (ANDRÉ, 2020; DUARTE-SILVA, CONCEIÇÃO e SALES 2019).

4.2 REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO

Este trabalho consiste em um estudo de caso cuja metodologia utilizada foi o trabalho do tipo etnográfico, de acordo com os pressupostos teórico- metodológicos de André (2020). São trabalhos de curta duração, realizado por não-antropólogos, ou profissionais de outras áreas da ciência. Não possuem uma finalidade etnográfica em si mesmos, mas são realizados no intuito de buscar respostas para as áreas específicas dos pesquisadores em questão

A etnografia da prática escolar foi utilizada no presente trabalho para fins de resolução de problemas na prática docente, e subsídios para a Educação Ambiental, a Etnobiologia e o Ensino de Botânica. Contudo, o valor histórico e etnográfico dos dados aqui pesquisados transcenderam o seu caráter utilitarista, e serão compilados nesta obra, com finalidade distinta do objetivo inicial.

Os métodos utilizados na pesquisa foram: revisão de literatura científica, trabalho de campo e análise documental (André, 2020). “Um trabalho pode ser caracterizado como do tipo etnográfico em educação, quando ele faz uso das técnicas que tradicionalmente são associadas à etnografia, ou seja, a observação participante, a entrevista intensiva e a análise de documentos. O pesquisador aproxima-se de pessoas, situações, locais, eventos, mantendo com eles um contato direto e prolongado. Como se dá esse contato? Primeiro não há pretensão de mudar o ambiente, introduzindo modificações que serão experimentalmente controladas como na pesquisa experimental. Os eventos, as pessoas, as situações são observados em sua manifestação natural, o que faz com que tal pesquisa seja também conhecida como naturalística ou naturalista” (André, 2020 p.25).

4.2.1 Observações participantes na etnografia

Optou-se no presente trabalho na observação participante como método de trabalho ao invés das entrevistas estruturadas, e semi- estruturadas. O trabalho aqui apresentado versa sobre observação participante, entrevistas intensas e, isoladamente, algumas entrevistas não- estruturadas. Segundo Taddei e Gamboggi (2011) sobre a linha de pesquisa de Malinowski, a observação participante atua sobre dados aos quais são difíceis de se coletar por meio de entrevistas formais:

“Malinowski percebeu que existe um problema metodológico de pesquisa relacionado à forma como certas questões são salientes no pensamento cotidiano dos membros de uma sociedade, enquanto outras não são. Há coisas em nossa existência social sobre a qual não falamos, e isso se dá por várias razões. Uma delas é o fato de que internalizamos algumas formas de comportamento na infância e seguimos repetindo-as no convívio social, de forma habitual, sem colocar atenção em tais comportamentos. Outra é que aprendemos a evitar falar - e mesmo pensar - a respeito de certos temas, como questões ligadas aos tabus, mesmo que eventos de alguma forma relacionados a tais tabus sejam frequentes. Malinowski se deu conta de que, ao permanecer por tempo suficiente com determinado grupo social, o pesquisador tem a oportunidade de observar comportamentos e eventos sociais (como certos rituais) que dificilmente seriam mencionados em entrevistas” (TADDEI & GAMBOGGI, 2011).

Taddei e Gamboggi (2011) afirmam que a etnografia, pode ser entendida como mais do que uma mera metodologia, mas tomada na sua acepção de diálogo intercultural. A experiência etnográfica, como instância especial da experiência mais genérica da comunicação, pressupõe, de início, seres em coexistência contextual, fazendo uso de seus recursos conceituais e materiais, para se posicionarem um frente ao outro, na dialética entre estarem existencialmente abertos (curiosidade) e fechados (medo).

4.2.2 Resgate da história oral de vida

“Meihy (1996) menciona como pressuposto que “a história oral implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado” (Silva, 2004, p.11). Os sujeitos constroem conhecimentos, a partir de uma intenção determinada de fazer articulações entre o que conhece e a nova informação que pretende absorver. Diante deste pressuposto, escrever sobre a história oral de vida é gratificante, envolve todo um contexto histórico e sociocultural desde do passado até o contemporâneo. “A história oral é indicada como uma perspectiva. Importante para a pesquisa de sujeitos, para os quais não há outro acesso, para responder a novas perguntas sobre antigos temas, provocar novos assuntos e abrir novas perspectivas de análises (Silva, 2004, p.19-20).

4.2.3 Netnografia

Por netnografia entende-se que, o método netnográfico adapta técnicas, procedimentos e padrões metodológicos tradicionalmente empregados na etnografia para o estudo de culturas e comunidades emergentes na Internet (CORRÊA e ROZADOS, 2017). É neste contexto que surge a netnografia um método de pesquisa, baseado na observação participante e no trabalho de campo online, que utiliza as diferentes formas de comunicação mediada por computador como fonte de dados para a compreensão e a representação etnográfica dos fenômenos culturais e comunitários (CORREA e ROZADOS, 2017). O termo netnografia é uma combinação das palavras *nete* e *ethnographye* e foi cunhado pelos pesquisadores norte-americanos Bishop, Star, Neumann, Ignacio, Sadunsky e Schatz em 1995 com o objetivo de descrever o desafio metodológico de preservar os detalhes da observação em campo etnográfico usando o meio eletrônico para acompanhar os indivíduos (CORREA e ROZADOS, 2017).

4.3 MATERIAIS

(1) Recurso financeiro para compra de materiais relacionados ao terreiro (compra de despachos). (2) Material para herborização: Prensa, cordas, jornal, papelão e folha de alumínio, cartolina branca, cola e etiquetas de papel. (3) Caixas e naftalina e etiquetas de papel para acondicionamento das ervas. (4) Vasos, areia, argila, mudas, Humus e material de jardinagem.

4.4 MÉTODOS ETNOBOTÂNICOS

(1) Levantamento das espécies vegetais no terreiro de umbanda (ALVES, 2019). (2) Levantamento de espécies ritualísticas vegetais (ALVES, 2019). (3) Construção de uma coleção testemunho das plantas uteis do terreiro de umbanda (por meio de exsiccatas, ervas secas, coleção viva em vasos) (SANTOS, 2019). (4) Entrevista de líderes religiosos do terreiro de umbanda para conhecer as plantas utilizadas, nome vulgar, parte da planta usada e modo de uso (TADDEI e GAMBOGGI,

2011). (5) Investigação do nome biológico a partir do nome vulgar coletado e origem da planta (DUARTE-SILVA et al., 2019). (6) Elaborar práticas de ensinos interdisciplinares de história, geografia e biologia a partir dos saberes coletados (DUARTE-SILVA, MACIEL e SALES, 2014; MACIEL et al. 2014; DUARTE-SILVA et al. 2019; DUARTE-SILVA et al. 2020).

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 RELIGIÕES AFROAMERICANAS

Foi realizada revisão bibliográfica de trabalhos científicos, e análise documental netnográfica na plataforma Youtube sobre os seguintes itens abaixo.

5.1.1 Voudou Haitiano e Estadunidense (Mississipi, Lousiana)

O Voudou ou Voudouismo é uma religião afroamericana presente no Haiti, e nos estados de colonização francesa dos Estados Unidos da América (EUA), como a Lousiana e o Mississipi. Trata-se de uma religião afrodescendente originária do Golfo de Benin na África, com base cultural Gege ou Jeje (encontramos ambas as grafias). Religião de base linguística Iorubá. Religião que congrega saberes da cultura indígena haitiana, saberes da religião católica, e saberes da cultura e língua Iorubá africana. As religiosas utilizam vestimentas brancas tal como na Santeria Cubana, na Umbanda brasileira, e no Candomblé afrobrasileiro. O altar é repleto de imagens de santos católicos, ritos africanos, velas de todas as cores, bebidas alcólicas, tabaco, danças e percussões. Há o culto de orixás, e entidades. Há percussão afro e danças afro. Uma peculiaridade do Voudou é a utilização de ossadas humanas, exumadas, em ritos religiosos. Bem como, o pintar do rosto com areia branca no momento da incorporação de espíritos. Algumas entidades do Voudou são: os Loas, do francês ‘Les lois’ ,ou seja, as leis. Tratam-se das mais importantes divindades do Voudou. Como exemplos podemos citar: Barão Samedi (Sábado em Francês, Creole), Maman Brigitte, Papa Legba. Diferentes análises sobre o vodou haitiano apontam para o fato do termo *vodou* ser empregado para definir rituais que envolvem cantos, danças, tambores, comensalidade e movimentos e promovem a interação entre humanos e espíritos (BULAMAH e DALMASO 2019).

5.1.2 Santeria Cubana: a umbanda do Caribe

Santeria é um termo utilizado para religiões de ancestralidade indígena e africana existentes tanto no México quanto em Cuba. Como o México não possui colonização compulsória de africanos escravizados, não vamos analisar a Santeria mexicana por não ser uma religião afroamericana, e sim a Santeria Cubana. A Santeria é uma religião afroamericana presente em Cuba. Essa religião congrega saberes da cultura indígena cubana denominada "cultura Taína", saberes da religião católica, e saberes

da cultura africana. As religiosas utilizam vestimentas brancas tal como no Vodú, na Umbanda brasileira, e no Candomblé afrobrasileiro.

Para el creyente de la santería no hay duda de esta relación, pero aún hoy se cree sólo en los orishas africanos, y se les superpone la estampa o la imagen de culto del santo católico. Aún hoy se realizan una serie de prácticas en donde permanecen elementos culturales yorubas, perfectamente coordinados, aunque en algunos casos se ha perdido, olvidado o sustituido un elemento por otro. También se han mezclado elementos religiosos de grupos afines, que han desaparecido asimilados por nuestra población. Hoy no se reconocen ni se recuerdan cantos, ni palabras, ni toques, ni deidades minas, gangás, ibos, mandingas, etc., que en algún momento convivieron con los lucumís o yorubas.” (LINARES, 1993, p.3).

5.1.3 Quimbanda de esquerda ibérica e brasileira: exús e pombas-gira

Neste item, gostaríamos de pontuar que determinadas entidades da Quimbanda de esquerda como exús e pombas-gira, muitas vezes vistas como parte integrante da Umbanda brasileira, são, na verdade de origem ibérica, e não africana. Existem diversas entidades no conjuntos de exús como o Exú Caveira, o Exú Caveirinha, o Exú-Tata Caveira, o Exú Tranca-rua, entre outros. As entidades da Quimbanda de esquerda assim como as entidades da Umbanda são pessoas desencarnadas que auxiliam os encarnados por meios energéticos e de incorporação do médium, de acordo com o rito religioso. Por outro lado, no Candomblé, as entidades são orixás ou divindades que nunca desceram a Terra em seres encarnados. Baseado nisso, a mitologia religiosa apregoa, por exemplo, que o Exú Tata Caveira foi um Centurião Romano. Portanto ele trabalhará nas demandas de proteção como São Jorge da Umbanda e Ogum do Candomblé. Exús são despachantes ou diplomatas entre os seres humanos e as divindades. Daí a etimologia da palavra. De acordo com os preceitos religiosos, o ser humano oferece algo ao Exú (oferendas), Exú leva essa demanda até as divindades, realizando o despacho, e as divindades concedem os desejos do ser humano. Existem diversas pombas-gira que são incorporadas por médiuns do gênero feminino, feminino trans ou cis (mulheres biológicas ou mulheres Trans). Existem várias Pombas-Gira: Maria Mulambo, Maria Farrapo, Maria Padilha, Cigana, Rainha, Rosa, Maria Quitéria, Sete Chaves, Rosa da Noite e Menina. A mitologia da Quimbanda por meio da história oral, descreve a Pomba-Gira Maria Padilha como uma senhora muito bonita, de origem ibérica, sul da Espanha, que teve seu corpo totalmente queimado. Então, essa entidade auxilia mulheres cis ou trans, em assuntos de sentimentalidade e sexualidade. Os presentes que as Pombas-gira pedem para realizar os feitiços são em geral da cor vermelha, e envolvem batons, esmalte e rosas da cor vermelha, e perfumes. Bebidas e tabaco também fazem parte do rito. Exús são procurados para assuntos de guerra. E pombas-gira, para assuntos de amor. A Quimbanda é chamada de esquerda porque as entidades ficam a esquerda dos sagrados orixás (NUAO, 2022).

5.1.4 Candomblé africano e afrobrasileiro

O Candomblé é uma religião africana presente no Brasil com base cultural Iorubá, de língua Nagô. Originária do Golfo de Benin, região da Guiné e Guiné-Bissau. As religiosas, denominadas mães de Santo, utilizam vestimentas brancas tal como na Santeria Cubana, na Umbanda brasileira, e no Voudou. Os terreiros de Candomblés são repletos de plantas arbóreas e herbáceas, ritualísticas e medicinais, além de artesanatos africanos, sobretudo em argila. Trata-se de uma religião politeísta e há o culto de divindades denominadas orixás: Iansã, Iemanjá, Oxum, Oxumaré, Xangô, Ogum, Oxosse, Oxalá, Omulu, Nanã. Há percussão africana, língua africana, o Nagô e danças africanas. Nos terreiros de Candomblé, ocorre o acolhimento dos seus praticantes chamados de filhos de Santo, para assuntos espirituais, psicológicos e físicos. A cura dá-se por meio de consultas com as mães de Santo e Pai de Santo, com receitas de ritos, práticas de descanso (redução do stress) e plantas. O Candomblé está fortemente presente na cultura brasileira e bahiana, em particular. Sendo um parte emblemática de nossa cultura, atrativo turístico ao turismo nacional e internacional na Bahia e no Brasil. Uma prática Candomblecista é praticada anualmente por milhões de brasileiros: oferendas a divindade Iemanjá no mar na passagem do ano velho para o ano novo. E a prática de se passar o ano novo na praia e no mar. O Candomblé, no Brasil, é uma religião fortemente sincrética. Devido aos séculos de escravidão e colonialismo, e proibição da prática do Candomblé até o século XX, as divindades do Candomblé eram praticadas de forma escondida pelos africanos, e afrobrasileiros, por meio da imagem dos santos católicos. Existem associações entre os orixás e os santos conhecidas pela população brasileira até os dias atuais

5.1.5 Umbanda brasileira: reúne religiões indígenas, africanas e européias

O Umbanda é uma religião originária do Brasil no início do século XX. Ao contrário do Candomblé que é uma religião originária no Golfo de Benin na África, de língua Nagô e cultura Iorubá. Trata-se de uma religião que congrega saberes da cultura indígena brasileira, repetidos por exemplo nas entidades Cabocla Jurema e Caboclo Sete Flechas. Saberes da religião católica, como a entidade de São Jorge, São Cosme e Damião. E saberes da cultura e língua Iorubá africana, do candomblé como: oxalá, ogum, oxosse, omulú, erês, iemanjá, oxum. Exús e Pombas-gira também são cultuados na Umbanda. E existem entidades afrobrasileiras próprias da Umbanda, como preto-velho, e Vovó, Preta-Velha. As religiosas utilizam vestimentas brancas tal como na Santeria Cubana e no Candomblé afrobrasileiro. O altar é repleto de imagens de santos católicos, ritos africanos, velas de todas as cores, bebidas alcóolicas (marafa), tabaco, charutos, danças e percussões. Há o culto de orixás, e entidades. Há percussão afro e danças afro.

5.1.6 Apontamentos sobre a Magia Negra Européia

Existem ritos e praticantes de Magia Negra Européia no Brasil que por muitas vezes são confundidos com praticantes de Umbanda. Quando na verdade, a Magia Negra advém da Europa, e da múltipla história portuguesa e ibérica que abarca ancestralidades como religiões pagãs pré-cristãs, e perseguidas na inquisição, ritos religiosos de povos perseguidos na inquisição, e religiões pagãs ancestrais européias de um modo geral, algumas muito antigas, que datam do período do Império Romano e suas relações com as culturas do oriente médio e do Egito. Ritos de Magia Negra Européia envolvendo homicídio de crianças como oferendas foram apurados pelas polícias brasileiras. Os envolvidos foram presos. E algo, geograficamente interessante é que esses crimes aconteceram nos estados de São Paulo e sul do país, mais especificamente no estado de Santa Catarina, onde não há forte presença afrodescendente. Na Umbanda ocorre o abate de animais como oferendas (como galinhas e bodes) mas não há registros de homicídios.

5.1.7 Práticas de ensino em Biologia, História, e Geografia, a partir das plantas ritualísticas e medicinais de terreiro de Umbanda em São Mateus, Espírito Santo.

Não foi obtida a imersão antropológica com o grupo pesquisado, no caso, os líderes de um Terreiro de Umbanda do município de São Mateus-ES, por dois motivos principais: o fechamento do terreiro durante a pandemia da COVID-19, e outro motivo de foro privado. Devido ao cenário pandêmico, não houve tempo hábil presencial para o estabelecimento de relações de confiança sejam elas, estabelecidas por meio de diálogos, seja as mesmas estabelecidas por meio de contratos, como a submissão pelo comitê de ética em pesquisa com seres humanos.

Baseado nisso, o trabalho procurou manter seus objetivos educacionais específicos de pesquisa por meio de revisão bibliográfica sobre plantas medicinais e ritualísticas de terreiros de Umbanda presentes no Bioma Mata Atlântica, preferencialmente, o mais próximo possível da região de São Mateus-ES, tanto do ponto de vista fitogeográfico quanto cultural.

Foi realizada uma pesquisa no Google Acadêmico sobre plantas medicinais e ritualística de terreiros de Umbanda, e foi localizado um trabalho de conclusão de curso desenvolvido no Bioma Mata Atlântica e no estado de Minas Gerais. E o mesmo foi utilizado para estudo do seu levantamento de espécie, no intuito de comparar e identificar as espécies existentes tanto em Ituiutaba-MG quanto em São Mateus-ES. E a partir das espécies ocorrentes em São Mateus-ES, elaborar práticas de ensino em Botânica, História e Geografia, a partir dessas espécies.

No tocante as práticas de ensino, as espécies medicinais e ritualísticas de terreiro de Umbanda de Uberlândia, comuns em São Mateus, foram compradas em uma floricultura, e foi criado um Jardim Didático móvel de espécies medicinais e ritualísticas da Umbanda.

A partir desse Jardim Sensorial móvel de plantas úteis a Umbanda foi desenvolvido um catálogo fotográfico, e legendas explicativas sobre como essas plantas podem ser abordadas em sala de aula.

Quando floridas e frutificadas, exsicatas do material botânico serão confeccionadas e uma coleção herborizada será formada, como perspectivas futuras desse trabalho.

Uma tabela também foi elaborada com os aspectos etnobotânicos das espécies, e sua origem fitogeográfica, sendo possível a interdisciplinaridade com a etnologia, sociologia, história e geografia no Ensino Médio da Educação Básica.

Por fim, tendo em vista o item 6 do presente trabalho: adequação da pesquisa para o cenário pandêmico e pesquisa do Voudou como subsídio para o projeto Haiti, cadastrado na PRPPG-UFES, e coordenado pela presente orientadora;

O presente trabalho comparou a experiência do autor nos terreiros de Umbanda do Norte do Espírito Santo, como visitante, a documentários científicos de Voudou Haitiano dispostos na Plataforma Youtube. Essa netnografia procurou entender o Voudouismo como subsídio a antropologia da prática escolar no Haiti, e buscar similaridades entre o Voudouismo e o Umbanda que possam reforçar e esclarecer nossas raízes unidas de origem africana, nossa afirmação afroamericana, e nossa capacidade de luta em conjunta pelo resgate da nossa história, pela afirmação de nossa cultura, e solução das problemáticas causadas pelo colonialismo e pela escravidão.

5.1.8 Análise documental de plantas ritualísticas e medicinais de Terreiro de Umbanda no Bioma Mata Atlântica

No município de Ituiutaba-MG, foram encontradas as seguintes espécies medicinais e ritualística no Terreiro de Umbanda (Alves, 2019), descritas nos próximos itens dos resultados.

5.1.9 Levantamento em campo de espécies com caráter ritualístico e medicinal na cidade de São Mateus - ES, características botânicas, etnológicas, farmacológicas e histórico-geográficas

Das espécies contidas na pesquisa realizada em Terreiro de Umbanda em Ituiutaba-MG, as seguintes espécies abaixo, também ocorrem no município de São Mateus-ES.

As características etnológicas, etnobotânicas e farmacológicas das espécies vegetais a seguir foram coletadas por Alves (2019),

(<http://clyde.dr.ufu.br/bitstream/123456789/24955/5/Etnobot%C3%A2nicaPlantasRitual%C3%ADsticas.pdf>).

Abaixo segue uma tabela com o levantamento de espécies com caráter ritualístico e medicinal da cidade de São Mateus - ES baseado em comparações entre a cultura local mateense, e o trabalho de Alves (2019) em Ituiutaba-MG, Bioma Mata Atlântica.

A tabela abaixo foi composta de acordo com os pressupostos do trabalho de Duarte-Silva et al. (2019) sobre Ensino de Botânica a partir da alimentação do Haiti, do Brasil, e de outros sítios da América Latina e Caribe, com presença africanos escravizados, imigrados compulsoriamente.

Para subsidiar os saberes de Botânica possíveis de ensinar com as plantas, da tabela 1, foram utilizados livros de Botânica de ensino superior de Morfologia Vegetal, Taxonomia Vegetal, Anatomia Vegetal, Fisiologia Vegetal e Fisiologia da Germinação de Sementes (APEZZATO DA GLÓRIA e CARMELLO-GUERREIRO, 2014; RAVEN, EVET e EICHHORN, 2007; VIDAL e VIDAL, 2000; FERREIRA e BORGUETTI, 2004; APG, 2009), e Ecologia básica, aplicando esses conhecimentos na ecologia vegetal (RICKLEFS, 2003).

Para pesquisar a origem geográfica das plantas, realizou-se busca em artigos na base do Google Acadêmico (<https://scholar.google.com.br/?hl=pt>).

Tabela 1- Levantamento de espécies com caráter ritualístico e medicinal da cidade de São Mateus - ES: características botânicas, etnológicas, histórico-geográficas e potencial educacional.

Família Nome Científico	Nome popular	Saberes de Botânica possíveis de ensinar com a planta	Origem fitogeográfica
ANACARDIACEAE <i>Spondias dulcis</i> G.Forst.	Cajá-manga	Estruturas secre-toras nas folhas. Morfologia do fruto. Componentes químicos da célula, Nutrição humana.	América
ANACARDIACEAE <i>Mangifera indica</i> (L.)	Mangueira	Estruturas secre-toras nas folhas. Morfologia do fruto. Componentes químicos da célula. Nutrição humana	Índia. Ásia
ARACEAE <i>Colocasia esculenta</i> (L.) Schott	Inhame	Toxinas nas folhas. Morfologia Foliar. Caule subterrâneo. Tubérculos. Amiloplastos. Componentes químicos da célula. Nutrição. Ferro. Anemia. Doenças decorrentes da anemia. Culinária africana. Morfologia de Monocotiledônea.	África
ARACEAE <i>Dieffenbachia amoena</i> (Bull)	Comigo ninguém-pode	Toxina nas folhas. Envenenamento de animais domésticos. Pigmentos fotossin-tetizantes. Pigmentos foliares. Morfologia de Monocotiledônea.	América. Colômbia e Costa Rica. Outro nome popular: Aningapara.



ASPARAGACEAE <i>Sansevieria cylindrica</i> (Bojer)	Lança de São Jorge	Toxina nas folhas. Envenenamento de animais domésticos. Pigmentos fotossintetizantes. Pigmentos foliares. Morfologia de Monocotiledônea. Folhas paraleniníferias típicas de Monocotiledônea. Cultura africana.	África
ASPARAGACEAE <i>Sansevieria trifasciata</i> (Prain)	Espada de São Jorge verde	Toxina nas folhas. Envenenamento de animais domésticos. Morfologia de Monocotiledônea. Folhas paraleniníferias típicas de Monocotiledônea. Cultura africana.	África
ASTERACEAE <i>Solidago chilensis</i> (Meyen)	Arnica	Morfologia de uma planta herbácea. Morfologia de uma eudicotiledônea. Bainha amplexicaule. Morfologia da flor com inflorescência em capítulo. Raízes pivotantes. Germinação rápida de sementes para experimentos. Cultivo fácil.	Europe
CRASSULACEAE <i>Kalanchoe laetivirens</i> Desc. (23)	Fortuna Kalanchoe Língua de Exú	Meristema. Meristema foliar. Propagação vegetativa. Tecidos de reserva de água nas folhas (parênquima aquífero). Planta suculenta Cultura africana.	África
CURCUBIACEAE <i>Luffa aegyptiaca</i> (L.)	Bucha vegetal	Anatomia de caule. O caule possui os principais tecidos de origem primária: epiderme. Parênquima. Esclerenquima. Colênquima. Xilema e Floema. Morfologia foliar. Evolução da folha, Morfologia da Flor.	Índia
EUPHORBIACEAE <i>Ricinus communis</i> L.	Mamona	Planta tóxica. Presença de látex. Eudicotiledônea. Morfologia floral. Inflorescência em dicásio. Fruto em capsulas globosas com espinhos. Muito tecido colenquimático no caule. Bom modelo para ensino da função do colênquima. Planta espontânea. Ensino de degradação ambiental e sucessão ecológica.	Ásia meridional

<p>RUTACEAE</p> <p><i>Ruta graveolens</i> L.</p>	<p>Arruda</p>	<p>Morfologia do crescimento secundário em plantas. Periderme. Caule em ritdoma. Folhas com glândulas translúcidas. Estruturas secretoras na anatomia foliar. Óleos essenciais. Cultura mediterrânea. História Antiga.</p>	<p>Europa e Norte da África</p>
<p>LAMIACEAE</p> <p><i>Plectranthus ornatus</i> (Cood)</p>	<p>Boldo. Falso boldo</p>	<p>Morfologia foliar de Eudicotiledônea. Tricomas secretores e vectores nas folhas. Óleos voláteis. Anatomia foliar. Morfologia floral de eudicotiledônea asterídea. Flores com pétalas gamopétalas. Cultura africana. Medicina popular brasileira.</p>	<p>Origem Africana</p>
<p>LAMIACEAE</p> <p><i>Ocimum thrysiflorum</i> L.</p>	<p>Manjeriço</p>	<p>Planta aromática. Folhas peninervias. Estruturas secretoras na folha. Anatomia foliar. Óleos essenciais. Hábito herbáceo. Filotaxia oposta cruzada. Sabor agradável. Comestível e medicinal para chás. Cultura mediterrânea. História Antiga.</p>	<p>Ásia. Índia. Cultivado há mais de 5 mil anos.</p>
<p>Myrtales LYTHRACEAE</p> <p><i>Punica granatum</i> (L.)</p>	<p>Romã</p>	<p>Hábito arbóreo. Planta medicinal. Medicina popular. Males de garganta. Cultura mediterrânea. História Antiga.</p>	<p>Oriente médio. Domesticada a 2000 anos antes de Cristo a.c.</p>
<p>LAURACEAE</p> <p><i>Cinamomum verum</i> J. Presl.</p>	<p>Cinamomum Canela</p>	<p>Planta empregada pela Umbanda. A canela é utilizada por Ogum, ela abre caminhos e é utilizada em entrevistas de emprego.</p> <p>Planta aromática. A parte utilizada é a casca do caule (que contém o tecido da periderme). Serve para estudo do crescimento secundário em plantas.</p> <p>Trata-se de uma Angiosperma basal, na ciência taxonômica. Não é fácil encontrar exemplos de Angiospermas basais para o ensino. Essa é uma delas.</p>	<p>Índia. Ásia Uma das especiarias procuradas pelos portugueses nas grandes navegações.</p>
<p>MORACEAE</p>	<p>Jaqueira, apaoka</p>	<p>Planta de hábito arbóreo de grande porte. Centenárias</p>	<p>Índia.</p>

<i>Artocarpus heterophyllus</i> (Lan.)		em São Mateus. Frutos carnosos. Muito nutritivos. Nutrição humana. Crescimento secundário da planta. Xilema secundário. Peri-derme.	
MORACEAE <i>Morus nigra</i> L.	Amora. Amoreira-negra, amora e amora-negra	Fruto carnosos em bagas. Pigmentos fotossintéticos e associados a proteção contra raio U.V. Fruta rica em vitamina C. Nutrição humana. Importância das vitaminas.	Ásia. Oriente médio. Pérsia (Iran)
MUSACEAE <i>Musa paradisiaca</i>	Bananeira	Monocotiledônea. Caule subterrâneo. Folhas imensas com pecíolo (denominado erroneamente de caule aéreo) e folhas. Fruto partenocár-pico. Propagação vegetativa pelo caule subterrâneo. Polinização por morcegos. Fruto altamente nutritivo. Rico em lipídeos vegetais. Nutrição humana. Componentes químicos da célula. Anabolismo e Catabolismo. Des-nutrição e obesidade.	Asia. Foi trazida pelos portugueses nas grandes navegações. A banana é a fruta mais consumida do mundo. E mais baratas também.
MYRTACEAE <i>Psidium guajava</i> L.	Goiabeira Goiaba, araçá-goiaba, guaiaba e araçá-das-almas.	Eudicotiledônea. Folhas peninévias Morfologia do crescimento secundário em plantas. Periderme. Caule em ritdoma. Folhas com glândulas translúcidas. Estruturas secretoras na anatomia foliar. Óleos essenciais. Componentes químicos da célula. A goiaba é rica em vitamina C. Nutrição humana.	América Neotropical
PASSIFLORIACEAE <i>Passiflora edulis</i> (Sims)	Maracujá	Eudicotiledônea rosídea. Hábito trepador. Folhas modificados em gavinhas. Presença de nectários extra-florais. Fruto comestível. Folhas e frutos utilizados como calmantes em depressões leves e moderadas. Uso na indústria fitoterápica. Rico em Vitamina C. Morfologia da Flor. Morfologia da semente. Semente com arilo expandido em parte comestível amarela. Fruto	Pantropical. Ocorre na América e na África. Chamado pelos indígenas americanos como Murucua que significa cuia de tomar água.

		rico em pectina utiliza na indústria ali-mentícia.	
POACEAE <i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim-cidreira	Parente da cana-de-açúcar, milho, arroz, trigo e cevada. Tra-ta-se de um capim. Monocotiledônea. Folhas paralelinér-vias. Caule sub-terrâneo. Folhas com bainha e sem pecíolo. Planta aromática. Folhas utilizadas para chá calmante. Utiliza na cosme-to-logia.	Índia.
POACEAE <i>Zea mays</i> L.	Milho	Parente da cana-de-açúcar, capim-cidreira, arroz, trigo e cevada. Monoco-tiledônea. Folhas paralelinérvias. Folhas com bainha e sem pecíolo. Planta comestíveis produtora de grãos. Altamente versátil na culinária. Folhas utilizadas para chá calmante. Utiliza na cosme-to-logia.	Americana. Melhorado pelas civilizações pré-colombianas (Maias, Astecas e Incas).
RUTACEAE <i>Murraya paniculata</i> (L.)	Murta. Dama-da-noite	Eudicotiledônea. Morfologia do crescimento secundário em plantas. Periderme. Caule em ritdoma. Folhas com glându-las translúcidas. Estruturas secre-toras na anatomia foliar. Óleos essen-ciais Planta aromát-ica. Flores brancas. Polinização noturna por mariposas. Uti-lizada em vestimen-tas de noiva na Eu-ropa da Idade Moderna.	Ásia e Norte da África.
ZINGIBERACEAE <i>Zingiber officinale</i> Roscoe.	Gengibre Gengibre, mangarataia, gengibre e gengivre.	A partir utilizada é o caule subterrâneo. Planta aromática comestível e medic-inal. Utilizada para dores de garganta. Monocotiledônea. Parente evolutiva das bananeiras de jardim, e em menor grau, parente do inhame e da taioba.	Ásia

5.1.10 Confecção do Jardim Didático móvel de plantas medicinais e ritualística da Umbanda

As plantas úteis (medicinais e ritualísticas da cultura da Umbanda) ocorrentes em São Mateus, listadas na tabela acima foram compradas em vasos, em floriculturas do município, na Ilha de Guriri, e mantidas no Núcleo Pesquisas Pedagógicas em Ensino de Biologia (NPPBio), onde serão

armazenadas e cultivadas. As mesmas estarão disponíveis para exposições, aulas e sequências didáticas, além de pesquisas educacionais, nas escolas e na Universidade.

Como perspectivas, quando os espécimes obtidos estiverem na fenofase reprodutiva (com flores e frutos), ramos contendo folhas, flores e/ou frutos serão coletados e serão elaboradas exsicatas, compondo um herbário didático de plantas medicinais, aromáticas e ritualísticas da Umbanda, e da cultura geral mateense.

Além da coleção viva, de espécimes vivos, outras espécies vegetais (Tabela 1) foram compradas em supermercado e no mercado público partes da planta como raízes, grãos e folhas para complementar o "catálogo fotográfico do Jardim Didático móvel com orientações de práticas de ensino", inspirando no trabalho de Santos (2019).

Considerando a constatação durante o campo de que boa parte das plantas ritualísticas da Umbanda são plantas aromáticas, aproveitou-se o processo de obtenção de plantas e criação de um jardim didático móvel e foram compradas também algumas espécies aromáticas típicas de São Mateus-ES e do sudeste brasileiro, que constituirão uma coleção complementar em exposições e sequências didáticas. As mesmas encontram-se ao final do catálogo no item abaixo. Em estampas separadas das plantas úteis ao terreiro de Umbanda.

A maioria dessas plantas aromáticas, também utilizadas, na Umbanda mas bem ocorrentes em São Mateus-ES, e no sudeste brasileiro, são de origem européia, mediterrânea devido a forte influência da culinária italiana, e da imigração italiana na região. Influências sírio-libanesas também são visíveis no sudeste brasileiro. Seus nomes vulgares são: manjerição branco, manjerição roxo, orégano e hortelã. As primeiras utilizadas na culinária italiana, e a última, utilizada na culinária sírio-libanesa.

Também foi contemplado no catálogo, a pimenta-rosa, planta aromática típica da restinga da Ilha de Guriri. Que remonta aos tempos da ocupação indígena da região.

E o guaco, uma espécie medicinal amplamente utilizada no Brasil por meio da indústria de fitoterápicos (vulgo "melagrião", marca registrada).

Plantas de diferentes origens culturais, e histórico-geográficas foram mantidas em estampas diferentes do catálogo, para não incorrer em equívocos de aprendizagem.

5.1.11 Desenvolvimento de um Catálogo fotográfico do Jardim Didático móvel com orientações de práticas de ensino

As espécies vegetais listadas no trabalho com plantas medicinais e ritualísticas do Terreiro de Umbanda de Ituiutaba-MG foram procuradas nas floriculturas de São Mateus a fim de identificar se as mesmas eram ocorrentes nos processos de compra e venda no presente município.

Os espécimes encontrados foram comprados para compor o Jardim Didático Móvel de Plantas medicinais e ritualística de Terreiro de Umbanda, e em seguida, fotografados para compor o Catálogo Fotográfico do Jardim Didático , que trata-se de um recurso didático digital do Jardim.

Espécies arbóreas foram fotografadas em trabalho de campo pelo ambiente antrópico Ilha de Guriri.

Figura 1- Maracujá. Planta medicinal e ritualística utilizada em Terreiro de Umbanda no sudeste brasileiro, Bioma Mata Atlântica. Figura 1a: Trepadeira jovem. Figura 1b: gavinhas de sustentação da trepadeira em outras plantas durante seu crescimento. Folha modificada. Figura 1c: gavinhas enroladas e folhas jovens. Figura 2d: folha madura com nervação peninérvia, demonstrando ser uma eudicotiledônea, no caso, uma eudicotiledônea rosídea. Gênero: *Passiflora*. Família botânica: Passifloraceae.



Figura 2: Carqueja e Capim-limão: plantas medicinais e ritualística utilizada em Terreiro de Umbanda no sudeste brasileiro, Bioma Mata Atlântica. Figura 2a. Carqueja. Gênero *Baccaris*. Família botânica: Asteraceae. Eudicotiledônea asterídea. Figura 2c: Capim-limão. Família botânica Poaceae. Figura 2d: folhas com nervura paralelinérvia do capim-limão demonstrando ser uma Monocotiledônea.



Figura 3: Fortuna, batata-doce, mangueira e alecrim:
plantas medicinais e ritualística utilizadas em terreiro
De Umbanda no sudeste brasileiro, Bioma Mata Atlântica.
Figura 3a: Fortuna. Figura 3b: Batata-doce.
Figura 3c: Mangueira. Figura 3d: Alecrim.



Figura 4: Pimenta-rosa, planta aromática típica da restinga da Ilha de Guriri. Que remonta aos tempos da ocupação indígena da região. Família Botânica Anacardiaceae. Eudicotiledônea.



Figura 5: Plantas aromáticas também utilizadas na Umbanda e bem ocorrentes em São Mateus-ES, e no sudeste brasileiro. São de origem européia, mediterrânea devido a forte influência da culinária italiana, e da imigração italiana na região. Influências sírio-libanesas também são visíveis no sudeste brasileiro. Seus nomes vulgares são: manjerição branco, manjerição roxo, orégano e hortelã. As primeiras utilizadas na culinária italiana, e a última, utilizada na culinária sírio-libanesa. Figura 5a: orégano. Figura 5b: Alecrim. Figura 5c: Manjeirão branco. Figura 5d: Hortelã. Usado pelos oxalás, Iemanjá, Xangô, Oxosse e a linha dos erês.



5.2 TRABALHO DO TIPO NETNOGRÁFICO SOBRE SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS DA UMBANDA BRASILEIRA COM O VOUDOU HAITIANO COMO SUBSÍDIO PARA O PROJETO HAITI-UFES

Foi realizada uma análise netnográfica de um documentário sobre o Voudou Haitiano (VICE, 2022), assistindo pelo presente autor, praticante da religião Umbandista. Foram listadas semelhanças e diferenças das duas religiões no intuito de buscar padrões culturais em comum que possam reforçar e esclarecer nossas raízes unas de origem africana, nossa afirmação afroamericana, e nossa capacidade de luta em conjunta pelo resgate da nossa história, pela afirmação de nossa cultura, e solução das problemáticas causadas pelo colonialismo e pela escravidão.

A primeira similaridade encontrada entre o Voudou e a Umbanda foram as vestimentas, das danças e os desenhos no chão. Na Umbanda e na Quimbanda risca-se o chão, no chamado ponto, onde é incorporada a entidade. O Voudou, a Umbanda e a Quimbanda de esquerda reforçam que eles não trabalham com Magia Negra. Esses povos de religiões afrodescendentes são corriqueiramente rotulados, e demonizados pela cultura ocidental cristã, como praticantes de Magia Negra. O vídeo sobre o Voudou haitiano demonstra uma acolhimento no Terreiro através de jantares típicos da cultura, tal como se observa no Candomblé. Sobre a Umbanda não podemos afirmar. Praticantes do Voudouismo sofrem preconceito dos praticantes do Cristianismo no Haiti, assim como também ocorre com os praticantes das religiões afrodescendentes no Brasil.

"O Voudou vem dos escravos trazidos da África. Eles os capturaram, os espancaram, abusaram deles e os mataram. O Voudou os libertou. Eles (as entidades) andaram pelo mundo e vieram para cá entre nós. E assim o espírito Voudou entrou em nós. E é chamado Voudou do Haiti. Quando você conhece a nossa sociedade (o Voudouismo), os espíritos que nos protegem, protegerão também você." (VICE, 2022).

As religiões da Umbanda e do Candomblé também são religiões afirmativas da cultura Afro, e transmissoras da História. São religiões libertadoras. No documentário sobre o Voudou mostram-se crânios e fêmures exumados de seres humanos, e imagens de lápides de túmulos. Essas práticas não ocorrem na Umbanda e Candomblé. Embora já foram vistas imagens de túmulos e caveiras associados a exús da Quimbanda de esquerda.

Tanto na Umbanda quanto no Voudou, ocorrem altares com santos católicos, velas de várias cores, terços, bebidas de vários tipos, tabaco, charutos e símbolos e imagens de entidades e divindades afroamericanas.

No Voudouismo ocorre o acolhimento de pessoas aflitas e necessitadas. Na Umbanda também. Nas religiões cristãs também. A população homoafetiva sente-se acolhida no Voudou e na Umbanda, inclusive com líderes, médiuns de identidade homoafetiva ou transgênero. Os gays e transgêneros não se sentem desrespeitados nesses espaços religiosos, embora ambas sociedades, haitiana e brasileira, sejam preconceituosas. O documentário sobre o voodoo demonstrou a compra de cabras, bodes

e o abate de galinhas. Determinadas vertentes da Umbanda e Quimbanda podem atuar com abate de animais como oferendas embora não coletamos essa informação no presente trabalho de campo e netnográfico. No Voudou observa-se ritos em cemitérios e exumação de corpos, o que não se observa nas religiões afrobrasileiras, até por motivos legais. É importante pontuar que na Quimbanda de esquerda ocorrem ritos em cemitérios, com oferenda de animais como cabras, mas sem exumações e uso de ossadas humanas. No Voudou ocorre a incorporação de antepassados falecidos por médiuns assim como no Kardecismo. Na Umbanda se incorporam entidades. Tanto no Voudou quanto na Umbanda tem pessoas que assessoram o médium durante a incorporação. A pipoca é utilizada como oferenda no Voudouismo e na Umbanda. As crianças participam de certas cerimônias tanto no Voudou quanto na Umbanda. De acordo com a mitologia Umbandistas, eles levam as crianças tanto para participar da cultura dos pais quanto as crianças são liberadas no Terreiro para “brincar” com os êres. Os médiuns no Voudou sentem a presença energética dos antepassados mortos. Mais uma vez, o Voudou aproxima-se do Espiritismo Kardecista e afasta-se do Umbandismo. Podendo, como hipótese, esse fato decorrer da origem francesa tanto da Estado haitiano quanto do Espiritismo de Allan Kardec, de base cristã. Ambos os médiuns do Voudou e da Umbanda afirmam perder a consciência durante o transe de incorporação. A percussão africana, a dança, as bebidas alcoólicas e o tabaco fazem parte do processo que leva ao transe em ambas religiões.

Por fim, no passado não haviam necrotérios no Haiti. E o Voudouismo se encarregava dos serviços funerários. Por essa razão tantos simbolismos relacionados a morte humana.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho propõe-se a documentar o saber, que admitimos aqui como científico, de um Terreiro de Umbanda. Portanto, um saber “de fora” do saber científico ocidental pautado pela tradição religiosa judaico-cristã. A revisão netnográfica realizada, e as comparações da cultura umbandista com a cultura voodoo por meio da netnografia, nos constatou que todas as religiões não-cristãs na América: Voudou, Santeria Cubana, Umbanda, Quimbanda de esquerda, Candomblé, Magia Negra Européia são demonizadas em maior ou menor grau por serem ritos religiosos externos a tradição cristã. Remontam desde a perseguição de povos pagãos, e cristãos-novos, até a perseguição das religiões africanas na continente americano, a partir do Colonialismo. Esse trabalho buscou através de práticas de ensino em Biologia, com aspectos de História e Geografia, desconstruir preconceitos acerca dos saberes ancestrais africanos imersos na cultura brasileira. Bem como, subsidiar ações de extensão no Haiti na perspectiva do trabalho do tipo etnográfico, e da imersão etnológica.



REFERÊNCIAS

ALVES, K. C. H. ETNOBOTÂNICA DE PLANTAS RITUALÍSTICAS NA PRÁTICA RELIGIOSA DE MATRIZ AFRICANA EM ITUIUTABA, MG. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Uberlândia-MG. 2019.

ANDRÉ, M.E.D.A. Etnografia da prática escolar. Campinas-SP: Papirus. 7 reimpressão. 128 pp. 2020.
APEZZATO DA GLORIA; CARMELO-GUERREIRO. Anatomia Vegetal. Ed. UFV. Viçosa-MG. 2004.

APG. Angiosperm Phylogeny Group. Sistemática vegetal: um enfoque filogenético. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. xvi, 612 p.

BAUMAN, Z. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1175595/mod_resource/content/0/Bauman%20%20modernidade%20liquida.pdf

CLAIRVIL, Evens ; Duarte-Silva, Erica . LIENS SOCIO-CULTURELS ET EDUCATIONNELS ENTRE LE BRÉSIL ET LES CARAÏBES. 1. ed. Republic of Moldova, Chisinau-: Éditions universitaires européennes sont une marque de OmniScriptum S.R.L., 2021. v. 1. 64p .

CONCEIÇÃO, J. R.; ALMEIDA, T. R.; DUARTE-SILVA, E. Práticas de Educação Ambiental aos comunidades tradicionais e escolares do entorno do Parque Estadual de Itaúnas, Conceição da Barra-ES, no período de 2005 a 2015. Educação Ambiental em ação, vol XIX, n. 72, Set-nov de 2020. Disponível em: <https://www.revistaeea.org/>

CORRÊA, M. V.; ROZADOS, H. B. F. A netnografia como método de pesquisa em ciência da informação. Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, v. 22, n. 49, p. 1-18, 2017.DOI: 10.5007/1518-2924.2017v22n49p1 Acesso em: 17 mar. 2022

Duarte-Silva, Erica; Conceição, J. R. ; Maciel, T.S. ; Pereira, L.L. ; Silvério, Adriano ; Freitas, J.A.A. . ENSINO DE BOTÂNICA EAD, E EXTENSÃO DO PROJETO HAITI, EM TEMPOS DE NOVO CORONA VÍRUS (COVID-19, SARS-COV-2). In: Maria Elanny Damasceno Silva. (Org.). O Meio Ambiente e a interface dos sistemas social e natural. 1ed.Ponta Grossa-PR: Editora Atena, 2020, v. 1, p. 209-219.

DUARTE-SILVA, E. .; CONCEIÇÃO, J. do R. .; ALMEIDA, P. S. Resgate histórico Do Haiti Durante a Guerra Civil (2006-2008) a Partir De Fotografias De Um Soldado Capixaba Na Organização Das Nações Unidas (ONU). RAPEES 2019, 3, 107-119.

Erica Duarte-Silva; SALES, P. A. ; Silvério, A. ; FURIERI, K. S. . ALIMENTAÇÃO NO HAITI: SUBSÍDIO PARA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL EM ESCOLAS LATINOAMERICANAS. In: Tayronne de Almeida Rodrigues, João Leandro Neto. (Org.). Competência técnica e responsabilidade social e ambiental nas ciências agrárias. 1ed.Ponta Grossa PR: Atena, 2019, v. , p. 71-77.

DUARTE-SILVA, É.; Maciel, T.S. ; SALES, P. A. . PRÁTICAS DE ENSINO EM BIOLOGIA ENVOLVENDO CONEXÕES CULTURAIS DO BRASIL COM O CARIBE. In: IX Congreso Internacional de Educación Superior - UNIVERSIDAD 2014, 2014, La Havana, Cuba. IX Congreso Internacional de Educación Superior - UNIVERSIDAD 2014- Por una Universidad Socialmente Responsable, 2014. p. artigo 58.

FERREIRA AG. E BORGHETTI F. 2004. Germinação: do básico ao aplicado/ organizado por Alfredo Gui Ferreira e Fabian Borghetti. Artmed, – Porto Alegre.



FOUCAULT, M. A Arqueologia do Saber. Editora Universitária Forense. Rio de Janeiro. 7 ed. 3 reimpressão. 2008. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4070132/mod_resource/content/1/FOUCAULT.pdf

Maciel, T.S. ; SOUZA, A. F. C. ; Cruz, J.J. ; Aguiar, V.R. ; SALES, P. A. ; MARGIERO, K. P. F. ; FALQUETO, A. R. ; FURIERI, K. S. ; DUARTE-SILVA, É. . PRÁTICAS DE ENSINO EM CIÊNCIAS DE BAIXO CUSTO DESTINADAS A ESCOLAS BRASILEIRAS E HAITIANAS. Anais do IV Encontro Nacional de Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente, v. IV, p. 1-12, 2014.

RAVEN, P. H; EVERT, R. F & EICHHORN, S. E. 2007. Biologia vegetal. 7 ed. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan.

RICKLEFS, R. E. A economia da natureza. Ed. Guanabara Koogan. Rio de Janeiro. 5 ed. 2003.

ROZÁRIO, E. M.; DUARTE-SILVA, E.; TEIXEIRA, C. C.; TEXEIRA, M. C. A Relação homem-natureza nas comunidades tradicionais da Ilhade Guriri: subsídios para a Educação Ambiental. Curitiba-PR: Appris. 1 ed. 185 pp. 2018.

SANTOS, J. P. ; DELCARRO, J. C. S. ; BARATA, Diógina ; MONTOVANELLI, L. . O JARDIM SENSORIAL COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO. In: Maria Margarida Gomes, [et al]. (Org.). Anais do IX Encontro Regional de Ensino de Biologia - RJ/ES. 1ed.Rio de Janeiro: MGSC Editora, 2019, v. 1, p. 265-275.

SILVA, A.M.H.D. (2004) *FORMAÇÃO DE PROFESSORAS: Resgate da educação feminina católica na Escola Normal São José (1916 –1972)*. Dissertação de mestrado. Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Juiz de Fora-MG.

TADDEI, R. e GAMBOGGI, A. L. (2011). Etnografia, comunicação e meio ambiente. Caderno pedagógico, 8 (2): 09-28. Disponível em: <http://www.univates.br/revistas/index.php/cadped/article/view/832>

VICE. Meet the Vodou Priestess Summoning Healing Spirits in Post-Earthquake Haiti. Plataforma Youtube. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QPuAJzB425I>. Último acesso: 17 de março de 2022.

VIDAL, W. N. & VIDAL, M. R. R. 2000. Botânica Organográfica. Quadros Sinópticos Ilustrados de Fanerógamos. UFV. 124p.